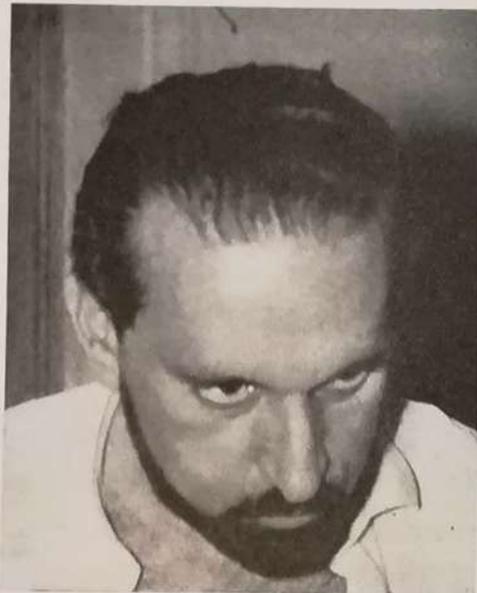


# PALAVRAS DE ERNESTO DE SOUSA

## ACERCA DO SEU FILME "DOM ROBERTO"



“NÓS todos, os que trabalhámos no filme “DOM ROBERTO”, temos consciência do alcance, ao mesmo tempo ambicioso e modesto, que pretendemos dar ao resultado do nosso esforço:

Contribuir, ainda que seja pouco, para a renovação do cinema nacional. A muitas pessoas esta pretensão, corre o risco de se confundir com imodéstia, ou — o que seria pior — com a repetição de uns tantos *slogans* já utilizados em circunstâncias semelhantes. Mas é tão simples a palavra renovar!... E corresponde tão objectivamente às características do nosso trabalho, que não hesitamos em encará-lo sob essa perspectiva, que é afinal a perspectiva do futuro. Pois é também assim que somos obrigados a olhar com modéstia para o que vamos fazendo no presente. E o que vamos fazendo? Quais são as características objectivas do renovo a que nos referimos?

Constituímos uma equipa de realização e de produção “jóvem” — isto é, sem nenhuns compromissos com o passado cinematográfico português que não sejam a admiração por algum esforço isolado ou pela competência profissional de técnicos e trabalhadores do filme, com quem nos dispunhamos a trabalhar cordialmente, o que aconteceu.

E isso é outra das características do nosso trabalho — uma fraterna compreensão entre “novos” e “velhos”, apesar de tudo o que aparentemente nos separaria.

E porque somos “jovens”, porque renovamos?

É o primeiro filme produzido e realizado por pessoas que têm sido responsáveis pela mais resoluta crítica cinematográfica feita em Portugal. Isto deu-nos a responsabilidade de trabalhar com seriedade, aplicando na prática aquilo por que trabalhamos teoricamente.

Porque acreditamos na obra de arte como ponte entre os homens, porque acreditamos no convívio através da expressão artística, quisémos falar com os outros com a maior beleza que nos fosse possível. E para fazer beleza é necessário trabalho, seriedade. As dificuldades são muitas? É necessário um enorme esforço de adaptação às condições em que pudémos trabalhar.

Procurámos, portanto, uma produção independente: constituímos uma Cooperativa do Espectador — foi pequena em quantidade a sua ajuda, e nada teríamos feito se não fossem outros financiamentos, mas foi ela que nos deu o impulso inicial na organização e no estudo, base indispensável do nosso trabalho.

Esse estudo foi feito com o maior cuidado — partimos do argumento de Leão Penedo, tratado para o filme, e fomos à procura da autenticidade dos personagens. O guarda-roupa — era necessário que os actores não fossem “mascarados à povo”; por isso foi ao próprio povo que ele foi baseado e depois revisto, apropriado para as diversas personalidades. A linguagem — também ela foi estudada nos modelos autênticos. As personagens — a sua psicologia foi estudada, pensada com os intérpretes. Tudo isto durou meses, mas deu-nos a consciência de que, em tudo, optámos pela melhor maneira. Fomos ambiciosos na medida em que não escolhemos o medíocre.

Depois, foi a criação do maravilhoso espírito de equipa em que trabalhámos, procurando todos colaborar com os outros, respeitando-nos com amizade.

Todos trabalharam com a paixão e o encanto dum primeiro encontro; de resto muitos estavam a tomar contacto pela primeira vez com aspectos novos — até mesmo o Solnado, que fazia um papel dramático, o que nunca tinha feito.

E o que quisémos dizer com o *DOM ROBERTO*? Procurámos com ele responder às preocupações fundamentais do homem moderno. De um modo geral, este filme simboliza a luta “por não estar só”; digamos antes a luta desesperado contra a solidão.

Quisémos falar da necessidade de cada um sair do seu individualismo, para chegar aos outros, ao amor. Só com os outros a felicidade é possível — a felicidade lúcida. E é também um filme de esperança, porque nós acreditamos no futuro.

Estiveram com este nosso espírito, todos aqueles que têm “juventude”; daí a expectativa geral, a simpatia, o carinho, com que o filme sempre foi tratado, enquanto projecto. Os cineclubistas, os universitários, os meios jornalísticos escreveram sobre nós, falaram do nosso filme; tiveram esperança. Daí uma aparente publicidade, que era apenas devida ao facto de acreditarem em nós.

Esperamos, nós próprios, com emoção, que o *DOM ROBERTO* corresponda. Nós acreditamos nele, fervorosamente. Que o público, em quem também acreditamos com a mesma intensidade, nos entenda.

ESTREADO EM 30 DE MAIO DE 1962

JORNAL DE ACTUALIDADES  
DO AMBAR AO ÁTOMO

### DOM ROBERTO

#### FICHA TÉCNICA:

Realização . . . . .	Ernesto de Sousa
Argumento . . . . .	Leão Penedo
Dir. de Produção . . . . .	Pena e Costa
Fotografia . . . . .	Abel Escoto
Música . . . . .	Armando Santiago
Som . . . . .	Augusto Lopes e Heitor Lopes Pires
Montagem . . . . .	Pablo del Amo

#### FICHA ARTÍSTICA:

João Barbeles . . . . .	Raul Solnado
Maria . . . . .	Gilcinia Quartim
Gabriel . . . . .	Luís Cerqueira
Amâncio . . . . .	Costa Ferreira
Ivone . . . . .	Fernanda Alves
Serafim . . . . .	Rui Mendes
Marieta . . . . .	Olga da Fonseca
Homem de negro . . . . .	Nicolau Breyner
Carlitos . . . . .	Carlos Fernando
Isabel . . . . .	Isabel do Carmo

Espectáculo para maiores de 17 anos

Nas sessões das 18,15 exhibe-se, antes do filme,  
um só complemento

O presente programa, pode ser alterado por  
qualquer motivo imprevisto

#### A SEGUIR:

GERT FÖRBE  
MAJBRIIT NILSSON  
JOACHIM HANSEN  
ANNA SMOLIK  
CARL LANGE  
HANS NIELSEN  
NO MAGNÍFICO FILME COLORIDO  
**A LEI DA FLORESTA**

Um dos mais recentes êxitos  
do cinema alemão!

Maiores de 12 anos